



abralic
experiências literárias textualidades contemporâneas

A NARRATIVA ESPECULAR EM HIPERTEXTO: O CASO DE *FREQUENTLY ASKED QUESTIONS ABOUT “HYPERTEXT”*, DE RICHARD HOLETON

Joanita Baú de Oliveira¹ (UFPE)

RESUMO:

O presente trabalho aborda a presença da *Mise en abyme* na literatura eletrônica. Enfoca-se, especialmente, como a linguagem HTML pode facilitar e propiciar a criação de ficções que se duplicam ao infinito. Parte-se do pressuposto de que a autotextualidade, enquanto fenômeno que pressupõem a conexão de um texto com outros, ganha novos contornos a partir da possibilidade de se construir uma narrativa hipertextual, uma vez que o hiperlink permite que se vinculem textos de materialidades diversas, promovendo uma rede em forma de rizoma, a-linear, multimídia e interativa. Para tratar desse assunto, articulam-se referenciais que abrangem as teorias sobre o hipertexto, a literatura em meio digital e a intertextualidade autárquica. Além de uma abordagem teórica, o trabalho contempla também uma parte prática, mediante a análise da obra *Frequently asked questions about “Hypertext”*, de Richard Holeton. Em síntese, essa narrativa é construída a partir de nove perguntas frequentes (FAQs), dispostas em hiperlinks, que tentam explicar os mistérios que envolvem a criação e as críticas recebidas por “*Hypertext*”, um poema-anagrama, constituído de todas as palavras que podem ser formadas a partir das letras do vocábulo hypertext.

Palavras-chave: Mise en abyme. Hipertexto. Literatura eletrônica

O advento dos meios digitais tem propiciado às criações artísticas novas possibilidades de expressão. A mescla de linguagens, a integração de recursos diversos, a interatividade, a divulgação através das redes sociais, a exposição em espaços alternativos, entre outros fatores, demonstram que a informática, associada ao mundo virtual, tem influenciado efetivamente os modos de produção e recepção dos objetos estéticos.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Joanita.bau@gmail.com.

No âmbito da arte literária, esse cenário não tem sido diferente. O impacto dos novos meios tem sido tão profícuo que as obras criadas e/ou executadas a partir deles têm sido classificadas como literatura eletrônica, entre outras denominações, a fim de serem diferenciadas dos textos impressos.

Conforme definição do site da Electronic Literature Organization - ELO (Organização de Literatura Eletrônica), “Literatura eletrônica, ou e-lit, refere-se a trabalhos com importante aspecto literário que se utilizam das capacidades e contextos fornecidos por um computador independente ou em rede” (tradução nossa). Portanto, este tipo de texto não deve ser confundido com aqueles digitalizados, com e-books (livros eletrônicos), ou com obras que, embora sejam veiculadas em sites da internet, não dependem dos meios informáticos para sua criação e fruição, podendo ser impressas sem perda de suas características originais. Para marcar essa diferença, Hayles (2009, p.20) enfatiza que

a literatura eletrônica, geralmente considerada excluída da literatura impressa que tenha sido digitalizada, é, por contraste, ‘nascida no meio digital’ um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente) lido em uma tela de computador.

As marcas caracterizadoras da literatura eletrônica advêm, em grande parte, da utilização de recursos inerentes aos meios informáticos. Entre esses recursos, destaca-se o uso do HTML (HyperText Markup Language ou Linguagem de Marcação de Hipertexto, em português), linguagem padrão para criação de hipertextos a serem publicados na World Wide Web, incluindo obras literárias configuradas nesse formato, chamadas de ficções hipertextuais.

De forma simples e clara, como faz Landow (2009, p.25, tradução nossa), um hipertexto pode ser definido como “texto composto por fragmento de texto [...] e pelas ligações eletrônicas que os conectam entre si”. De maneira mais detalhada, acentuando características como a multimídia e o percurso inusitado de leitura, como faz Lévi (1993, p.33), o hipertexto pode ser conceituado como

conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira.

Já a ficção hipertextual, conforme Gaggi (2015, p.122, tradução nossa), é um hipertexto como outro qualquer, isto é, “uma variedade de nós ou lexias são conectadas por vários links, criando uma teia ou rede que o leitor navega de diversas maneiras”. Portanto, um hipertexto, ficcional ou não, é uma rede composta por textos diversos ou blocos separados de um mesmo texto, que podem ser acessados, de forma aleatória, através de pontos que se conectam uns aos outros. Graças a esta estruturação, o hipertexto garante autonomia ao leitor, permitindo-lhe traçar seu próprio trajeto de leitura.

Esse tipo de hipertexto não deve ser confundido com aquele definido por Genette (2010) como obra que deriva de outra, através de uma transformação ou imitação. No caso do fenômeno denominado por Genette de hipertextualidade, hipertexto refere-se aos gêneros paródia, travestimento, transposição, pastiche, charge e forjação, que resultam da modificação de um texto anterior, classificado como hipotexto. Evidentemente, nada impede que o hipertexto genettiano seja configurado no formato do hipertexto enquanto rede formada por parte de textos interligadas.

Também se faz necessário fazer a ressalva de que, mesmo no sentido de blocos de textos associados, o hipertexto é muito anterior ao desenvolvimento dos suportes eletrônicos. Os índices remissivos de glossários, dicionários, enciclopédias e outras obras de referência, assim como notas de rodapé ou de fim, presentes nas monografias em geral, são os tipos mais mencionados de hipertextos em obras impressas não ficcionais. No campo da literatura os exemplos também são variados, graças ao experimentalismo criativo, responsável pela construção de obras combinatórias. Exemplo disso é *O jogo da amarelinha*, de Júlio Cortázar, obra em que o leitor, em diversos momentos, deve escolher entre duas ou mais possibilidades de sequência para o texto.

Contudo, nos hipertextos impressos prevalecem as remissões, que deixam a cargo do leitor o trabalho de procurar a parte indicada. Já no hipertexto eletrônico, como indicado pelo nome, as conexões são eletrônicas, de forma que basta um clique para acessar outro conteúdo. Além disso, o suporte impresso limita as possibilidades de combinações, tanto em termos de variedade quanto de quantidade dos elementos associados. Em contrapartida, o hipertexto em meio digital pode abranger lexias tão diversas quanto um som e uma imagem. Já a web, devido sua abrangência, permite que as conexões sejam ampliadas de forma exponencial, uma vez que um site pode conter

links que remetem para outros sites, que por sua vez remetem para outros, e assim sucessivamente.

Por ser um texto que contém ou se conecta a muitos outros, o hipertexto pode ser associado ao fenômeno conhecido como *mise en abyme*, termo derivado do francês que significa, literalmente, por em abismo, e que remete para as sensações de profundidade, infinito e vertigem provocadas pelo ato de se colocar uma ou mais obras dentro de outra(s). Dadas as semelhanças de ambas, torna-se interessante indagar a respeito das possibilidades e modos de ocorrência da *mise en abyme* em obras de ficção hipertextual.

Forjado por André Gide, a partir de um procedimento típico da heráldica, que consiste em reproduzir no centro de um brasão uma imagem menor desse mesmo brasão, o vocábulo *mise en abyme* passou a recobrir o efeito estético produzido pelas relações de semelhança que apresentam, entre si, uma obra contida e a outra que a contém. Por essa característica de reflexão, o fenômeno passou a ser também denominado de relato especular.

Lucien Dällenbach, após um estudo sistemático das origens e aplicações práticas em obras do *Nouveau Roman* e estudos de crítica literária, definiu *mise en abyme* como “todo espelho interno em que se reflete o conjunto do relato por reduplicação simples, repetida ou ilusória” (DÄLLENBACH, 1991, p. 49, tradução nossa).

A reduplicação simples ocorre quando um fragmento apresenta uma similitude com a obra que o inclui. Já a reduplicação repetida, ou reduplicação ao infinito, manifesta-se quando um fragmento, além de apresentar uma similitude com a obra que o inclui, contém outro fragmento que apresenta uma similitude com aquele que o inclui e assim sucessivamente. Finalmente a reduplicação apriorística ou ilusória caracteriza-se por um fragmento que supostamente contém a obra que o inclui. O primeiro caso pode ser bem representado pelo brasão dentro do brasão. O segundo pela babushka, boneca russa, oca, que contém dentro de si uma boneca, também oca, que contém outra boneca... E o terceiro pelo urobóro, serpente mítica que morde o próprio rabo.

Ainda conforme Dällenbach, uma *mise en abyme* pode ter como objeto de reflexão o enunciado, a enunciação ou o código da obra que a encerra. A *mise en abyme* do enunciado caracteriza-se pela presença de um fragmento que cita ou condensa o enunciado daquele que o contém. A *mise en abyme* da enunciação reflete o contexto de produção ou recepção do objeto artístico, de modo que seu protagonista será um escritor

ou um leitor. A *mise en abyme* do código espelha a técnica artística, a estrutura e/ou o funcionamento da narrativa.

Vale acrescentar que as tipologias estabelecidas por Dällenbach não são estanques, de modo que uma mesma *mise en abyme* pode refletir mais de um elemento da ficção e nada impede, por exemplo, que uma reduplicação apriorística possa ser repetida no interior de uma mesma obra, tornando-se também uma reduplicação ao infinito.

A partir dessas definições e classificações é possível apontar ao menos duas possibilidades de inovação para a manifestação da *mise en abyme* em hipertexto eletrônico: a multiplicação do número de reduplicação repetida e a diversidade dos tipos de textos utilizados como espelhos.

Segundo Dällenbach, a reduplicação ao infinito está condenada a permanecer em estado de programa ou esboço, já que o número de fragmentos contidos uns dentro dos outros é restringido pelos limites lineares de uma obra literária. Ocorre que, Dällenbach abordou a presença de *mise en abyme* em textos com suportes físicos, como os livros. Em obras eletrônicas, disponibilizada dentro da rede mundial de computadores, ainda que as reduplicações não se tornem de fato infinitas, o número de fragmentos que mantém entre si relações de similitude pode crescer de forma exponencial. Ou seja, o hipertexto, pela capacidade de conectar textos de maneira ilimitada pode ampliar, consideravelmente, o número de fragmentos encaixados dentro de uma mesma obra.

No que tange aos tipos de espelho interno usados no fenômeno da reflexão, Dällenbach menciona, além de narrativas, músicas, monumentos, quadros, etc. Contudo, geralmente, esses elementos não-verbais figuram de forma alusiva ou através de uma descrição realizada pelo narrador ou outro personagem. O hipertexto eletrônico, pela característica de texto multimodal, permite a criação de obras literárias que, além de textos escritos, abrigam desenhos, fotos, sons, gráficos, vídeos, entre outros elementos. Desse modo, ampliam-se as possibilidades de diálogos intersemióticos relacionados à criação de relatos especulares.

Feitas essas considerações teóricas, cabe analisar manifestações concretas de *mise en abyme* em obras de literatura eletrônica, a fim de verificar se o hipertexto eletrônico tem facilitado e/ou propiciado novas possibilidades criativas aos relatos especulares.

Para contemplar essa parte prática, dentro dos limites deste trabalho, elegeu-se a narrativa *Frequently asked questions about "Hypertext"*, de Richard Holeton. A escolha

dessa ficção pautou-se, inicialmente, pelo fato de que a referência do título ao hipertexto, aliado a configuração hipertextual da obra, sugeria tratar-se de uma produção artística com espelhamento interno. Além disso, ao longo da pesquisa, descobriu-se que alguns de seus elementos aludem a reduplicação ao infinito.

Como o nome indica, *Frequently asked questions about "Hypertext"* imita a estrutura de um FAQ, sigla do termo Frequently Asked Questions, comumente traduzido para o português como Perguntas Mais Frequentes ou, simplesmente, Perguntas Frequentes. Segundo verbete do *Dicionário de informática e internet* de Sawaya (1999, p. 174), FAQ é um "Documento on-line que responde às perguntas mais frequentes em grupos de discussão UseNet, postado em intervalos regulares e arquivos em diversos sites". Trata-se, portanto, de um conjunto de perguntas, acompanhadas de suas respectivas respostas. Presume-se que os FAQs tenham surgido nos grupos de discussão da internet, a fim de evitar o trabalho de responder questões similares diversas vezes. Contudo, hoje estão presentes em diversos tipos de sites e visam responder as indagações mais comuns dos internautas sobre conteúdos publicados, produtos e serviços oferecidos, entre outros.

No caso da ficção de Richard Hopleton, o FAQ foi criado pelo personagem Richard Alan Hopleton para tentar esclarecer dúvidas acerca de "*Hypertext*". Diferente do que se pode presumir pelo título, as questões não versam, ao menos diretamente, sobre o hipertexto eletrônico ou genético. Na narrativa, "*Hypertext*" designa um poema composto pelo personagem Alan Richardson, que se torna um sucesso de crítica e de público, sendo alvo de diversas interpretações e discussões em fóruns de usuários da internet, fadões, monografias, periódicos e congressos.

O nome "*Hypertext*" deriva do fato do poema ser composto por 69 vocábulos formados a partir da combinação das letras da palavra hypertext. Não obstante, cada um dos nove versos inicia-se com uma das letras do título (considerando que o termo Ex pode ser convertido em X), formando um acróstico vertical.

O poema "*Hypertext*" é apresentado já na página inicial de *Frequently asked questions about "Hypertext"*. Junto com ele, alinhadas ao lado esquerdo da tela, encontram-se nove perguntas frequentes, que constituem as entradas principais da teia hipertextual da ficção. Ao clicar em cada uma das perguntas, descobrem-se novos detalhes acerca da origem, das interpretações críticas, do enorme sucesso do poema e dos detalhes da vida e da morte do autor. Como esses assuntos estão interligados, há

links que direcionam de uma pergunta à outra, de modo que o processo de leitura pode ocorrer de forma a-linear, conforme os pontos que mais chamem a atenção do leitor.

Conforme, o FAQ, “*Hypertext*” foi criado por Alan Richardson, um ex-banqueiro de investimento, que, após o colapso das ações das empresas “pontocom”, resolveu compor um poema-anagrama e enviá-lo a alguns amigos. Ao tornar-se um viral na internet, “*Hypertext*” sofreu inúmeras versões fraudulentas e diversas pessoas foram indicadas como responsáveis por sua criação, até que se pudesse chegar ao nome do verdadeiro autor e estabelecer a versão original da obra.

O enorme sucesso de “*Hypertext*” motivou o aparecimento de várias fanfics, isto é, um tipo de produção, muito comum no ambiente virtual, que se caracteriza por ser uma ficção criada por um leitor a partir de outra da qual ele é fã (MIRANDA, 2009). O próprio autor das Perguntas Frequentes é responsável por uma dessas fanfics, intitulada *Outro dia no escritório*. Nessa recriação, o personagem Dick A. Hellton é o escritor responsável tanto pelo documento FAQ quanto pelo poema. Este último foi inspirado pelas transformações vivenciadas por Eric(a) Taylor, colega de escritório transsexual, que sussitou em Dick lembranças de uma aventura da juventude com um travesti, o qual estava em meios aos processos de mudança de sexo.

Richard Alan Holeton é também responsável por um fandom, ou seja, uma comunidade virtual, destinada ao debate crítico e a divulgações de fanfics por fãs de uma obra (MIRANDA, 2009). O fandom, denominado HerHim.org. (Hierarchical Electronic Recombinating “Hypertext” Interactive Matrix®), propiciaria a pesquisa, produção e publicação de fanfics de “*Hypertext*”, através de geradores automáticos, tal como ocorre na literatura generativa.

O poema-anagrama também despertou o interesse da academia e motivou uma série de trabalhos da crítica especializada. O primeiro deles, denominado de escola do Texas ou escola de Bush, é atribuído ao crítico da Universidade do Texas, Hilton Allrich, cuja leitura encontra no poema referências à retórica fragmentada e aos escândalos da vida do ex-presidente George W. Bush.

Já os críticos e poetas da Language and Post-Language assinalaram que a sintaxe disparatada, a a-linearidade, e as ambiguidades, entre outros elementos de “*Hypertext*”, dão autonomia ao leitor na busca da coerência textual e contribuem para a revolução socialista em todo o mundo.

Contudo, a crítica de maior aceitação, conhecida como a interpretação popular, foi realizada pela estudante de MFA (Master in Fine Arts) Ellen Richards, com ajuda

dos críticos internautas e seus conhecimentos sobre a cultura midiática. Richards propôs que “*Hypertext*” abraça os elementos da cultura popular e subverte hierarquias, uma vez que seus trechos fazem referências, concomitantemente, a conhecidas produções da cultura de massa, como filmes, séries de televisão e game-shows, e a famosas obras do cânone literário mundial, que, por sua vez, dialogam com fatos históricos e criticam as relações de poder hegemônicas, incluindo as sexuais.

Após viver um romance com a crítica Ellen Richards e descobrir que ela era a nova identidade sexual do poeta Allan Richard, o crítico Richard Allman, da Universidade de Stanford, propôs outra interpretação de “*Hypertext*”, que ficou conhecida como leitura tecnossexual. Relacionando o conteúdo da obra à biografia do autor, a leitura de Allman enfatiza que o poema faz referência a rituais de iniciação travesti e a cirurgias e tratamentos cosméticos utilizados por transexuais no processo de mudança de sexo, os quais dariam origem a um híbrido de mulher-máquina ou a um sedutor cyborg tecnossexual.

Como revide, Ellen Richards acusou Allman de projetar suas próprias fantasias travestis sobre os personagens do poema-anagrama e afirmou que a leitura do ex-namorado era uma resposta heterossexista a um caso de amor fracassado com uma mulher transexual. Além disso, a crítica-poeta apresentou um novo trabalho, conhecido como a releitura pós-transexual ou pós-travesti, que compreende “*Hypertext*” como poema que quebra com o discurso dominante sobre a sexualidade, superando a oposição entre masculino e feminino.

Portanto, o FAQ apresenta diversas análises sobre um poema cuja versão original e autoria são duvidosas. Seguem-se ao longo do texto, uma após a outra, interpretações na esteira do formalismo, do new criticism, dos estudos culturais, das leituras biográficas e psicanalíticas, do pós-humanismo e da teoria queer. Quanto mais detalhes são acrescentados em torno da obra e das biografias do autor e dos comentadores, mais se percebe quão duvidosas podem ser as informações fornecidas e quão imbuída de subjetividade a crítica literária pode ser.

Nesse sentido, *Frequently asked questions about “Hypertext”* assemelha-se a *Pale Fire*, de Vladimir Nabokov, narrativa da década de 60 que apresenta um longo poema, atribuído ao poeta Jhon Shade, acompanhado de um prefácio, que rebate as críticas quanto à fidedignidade da obra apresentada, notas explicativas sobre os versos e um índice sobre os principais personagens envolvidos no texto poético. Os comentários críticos, todos escritos pelo acadêmico Charles Kinbote, mesclam informações sobre as

biografias do poeta e do crítico e borram as bordas entre realidade e ficção, implodindo a confiabilidade nas histórias em torno do poema.

Seguindo os postulados de Genette sobre as relações transtextuais, é possível dizer que, assim como Joyce transporta a ação da *Odisseia* de Homero para a Dublin do século XX, Richard Holeton transpõe *Pale Fire* para o contexto da tecnologia digital. Por esse motivo, além de ser uma ficção hipertextual eletrônica, *Frequently asked questions about "Hypertext"* é também um hipertexto no sentido genettiano, pois se trata de um texto que se origina da transformação de outro.

Tanto a configuração de hipertexto eletrônico quanto a peculiaridade de ser uma ficção que descende de outra estão devidamente espelhadas em *Frequently asked questions about "Hypertext"* através de *mises en abyme* espalhadas ao longo da narrativa.

O título da obra, a princípio, parece figurar como um signo ilusório, já que o termo "*Hypertext*" não se refere nem ao hipertexto eletrônico, nem ao genettiano, mas ao poema-anagrama, em torno do qual gira a narrativa. Nesse sentido, a obra atribuída a Allan Richardson, longe de ser um espelho capaz de refletir a narrativa que o encerra, parece funcionar como qualquer objeto que, bloqueando a incidência de luz sob a superfície refletora, impedissem o fenômeno da reflexão.

Contudo, a construção anagramática de "*Hypertext*" espelha um detalhe importante na ficção de Richard Holeton. Assim como o poema é composto por palavras derivadas de *Hypertext*, os nomes dos personagens de *Frequently asked questions about "Hypertext"* (Alan Richardson, (autor do poema), Ellen Richards (crítica e poeta), Dick A. Hellton, Eric e Erica Taylor (personagens de fanfic), Richard Allman e Hilton Allrich (críticos)) são todos anagramas do personagem criador do FAQ, Richard Alan Holeton, que, por sua vez, é homônimo do autor da narrativa.

Não obstante, alguns comentários críticos sobre o poema "*Hypertext*" refletem as características próprias da ficção hipertextual eletrônica em geral, especialmente de *Frequently asked questions about "Hypertext"*, como "anti-linearidade", "colagem narrativa disjuntiva", "ponto de vista movediço", "caleidoscópio de tópicos e imagens", "autonomia dada ao leitor no estabelecimento da coerência do texto", etc.

Já o fato de *Frequently asked questions about "Hypertext"* ser uma ficção hipertextual no sentido genettiano tem como espelhos internos os personagens travestis (presente na fanfic *Outro dia no escritório* e na "Leitura Tecnossexual"), que remetem

ao travestimento, prática hipertextual que, conforme Genette (2010), opera pela transformação satírica do texto.

O hipertexto genettiano é também refletido pelas menções ao gênero fanfic, o qual constitui uma prática de hipertextualidade (no sentido atribuído por Genette) muito comum no mundo virtual, pois os textos que se enquadram nessa categoria são produzidos a partir da imitação e transformação de outros textos. Exemplo disso, na ficção de Richard Holeton, é a fanfic *Outro dia no escritório*, que é uma criação inspirada por “*Hypertext*” e foi, posteriormente, plagiada pela chamada “leitura tecnossexual”, do crítico Richard Allman.

Ademais, embora o fandom HerHim não funcione efetivamente (talvez porque, conforme esclarecido na narrativa, a comunidades de fãs tornou-se alvo de hackers), ele alude ao caráter *ad infinitum* das práticas de recriação artística de um texto a partir do outro. De certo modo, é possível dizer que os fandoms e as fanfics apontam para a possibilidade de reduplicar repetidamente a mesma obra.

Além dos espelhos que refletem a hipertextualidade eletrônica e genettina, o tema central de *Frequently asked questions about “Hypertext”*, isto é, as interferências das análises críticas sobre as obras de arte, também é devidamente espelhado. Conforme comentado, o texto de Holeton é composto de resumos de textos críticos que interpretam “*Hypertext*” de formas bastante distintas. As leituras parecem funcionar como espelhos deformantes, que ampliam, reduzem, invertem e distorcem as significações do poema. A narrativa torna-se, portanto, uma espécie de casa de espelhos, que enquadra, sobre diversos ângulos, o mesmo texto. Essas alterações são refletidas pela descrição mordaz e grosseira da transformação do corpo masculino em feminino em processos de mudança de sexo, realizada durante a explicitação da chamada leitura tecnossexual do poema-anagrama. As próprias mudanças envolvendo o personagem Alan/Ellen Richardson, de banqueiro para poeta e de homem para mulher, espelham as inversões que a crítica literária impinge não apenas às obras, mas também à personalidade dos autores.

Diante do exposto, torna-se notável que as possibilidades do hipertexto eletrônico para criação de espelhamentos internos são apenas parcialmente exploradas em *Frequently asked questions about “Hypertext”*. A multimodalidade limitou-se a presença de algumas imagens, que são meramente ilustrativas, não podendo ser caracterizadas como *mises en abyme*. Por outro lado, o recurso do fandom HerHim.org demonstra que a reduplicação ao infinito pode tornar-se viável a partir do gênero fanfic,

especialmente se for permitida a participação do público, tal como ocorre nas comunidades de fãs virtuais e em obras interativas disponibilizadas na Web. Nesse sentido, novas pesquisas são necessárias para definir as peculiaridades do relato especular em literatura eletrônica.

Referências:

DÄLLENBACH, Lucien. **El relato especular**. Madrid: Visor distribuciones, 1991.

ELETRONIC LITERATURE ORGANIZATION. **What is e-lit**. Disponível em <<http://eliterature.org/what-is-e-lit/>> Acesso 30 ago. 2016.

GAGGI, Silvio. **From text to hypertext: decentering the subject in fiction, film, the visual arts and electronic media**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015.

GENETTE, GERÁD. **Palimpsesto**. A literatura de segunda mão. Belo Horizonte: viva voz, 2010.

HAYLES, N. Katherine. **Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário**. Tradução Luciana Lhullier e Ricardo Moura. São Paulo: Global; Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

HOLETON, Richard. **Frequently asked questions about “Hypertext”**. Disponível em <http://collection.eliterature.org/1/works/holeton__frequently_asked_questions_about_hypertext/index.html> Acesso 08 ago. 2016.

LANDOW, George P. **Hipertexto 3.0: La teoria crítica y los nuevos médios em uma época de globalización**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2009.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Editora 34. São Paulo 1993.

MIRANDA, Moés Fabiana. Fandom: um novo sistema literário digital. In: FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo (Org.). **Intersecções: ciência e tecnologia, literatura e arte**. Recife: Editora universitária da UFPE, 2009.

SAWAYA, Márcia Regina. **Dicionário de informática e internet**. São Paulo: Nobel, 1999.